



nara roesler

telúricos

curadoria ana carolina ralston

alessandro fracta
amelia toledo
amorí
ana sant'anna
brígida baltar
c. l. salvaro
denise alves-rodrigues
felipe góes
felippe moraes
flávia ventura
isaac julien
karola braga
kuenan mayu
lia chaia
not vital
richard long

nara roesler são paulo
abertura 5 de fevereiro
exposição fev- mar, 2026

telúricos

“A imaginação telúrica cava sempre em profundidade; ela não se contenta em superfícies, precisa descer, pesar, resistir.”
Gaston Bachelard (*A Terra e os Devaneios da Vontade*)

Não há devaneio que envolva a terra sem a experiência do corpo que empurra, cava, abre fendas, molda. A matéria terrestre não é um simples suporte, mas um agente de vontade, um núcleo de energia ativa que convoca metamorfoses e insurgências; uma força subterrânea que não é apenas cenário, mas protagonista, como defende o filósofo contemporâneo Bruno Latour. Assim, a Terra não é pano de fundo, mas ator político que intervém, reage e transforma nossos modos de habitar. O pensamento de Latour permite observarmos a potência telúrica não somente como estética, mas como uma força que reorganiza pactos, territórios e sensibilidades. É sobre essa fresta que se abre e que modifica nosso modo de entender o mundo que se trata a exposição coletiva *Telúricos*, atualmente em cartaz na galeria Nara Roesler de São Paulo.

A mostra reúne 16 artistas, de distintos gêneros e suportes que, em comum, buscam repensar a política a partir do chão que pisamos, que nos sustenta e, ao mesmo tempo, expande e limita nossas possibilidades de existência. Ao deslocar o debate do abstrato para o territorial, percebemos que toda a prática — científica, artística ou social — implica uma tomada de posição. Nesse sentido, a Terra não é uma ideia global, mas um conjunto de superfícies instáveis, falhas geológicas, zonas de fricção entre humanos e não humanos. Aproximar-se desse pensamento por meio de produções artísticas atuais é operar como dispositivo de atenção ao solo, à matéria e às condições de habitabilidade do mundo. A força telúrica manifesta-se não apenas como espetáculo, mas como pressão contínua, densidade histórica e material que atravessa corpos e culturas. Trata-se de um exercício de responsabilidade estética e política, capaz de reconfigurar nossa relação com o planeta e de imaginar formas de coexistência com aquilo que nos sustenta.

Encarar a complexidade e instabilidade terrena é também entender sua desterritorialização — um movimento que desfaz formas antigas e inaugura paisagens inéditas. Coloca-se, assim, o território como reflexão, e suas crateras como lugar de inversão térmica do mundo. Cada obra presente neste espaço pode ser lida como um documento dessa negociação com o planeta: registros de fricções, tensões,

alianças, advertências. Em um momento histórico que vivemos, a arte assume o papel ampliado, onde o chão que pisamos também vota, protesta e fala.

O tempo geológico insiste em mover-se no presente. Aproximar-se dessa política terrestre é também tratar de suas válvulas de escape. O vulcão torna-se, assim, uma figura extrema de pertencimento e conflito: um lugar onde não há neutralidade possível, apenas negociações constantes entre vida, risco e renovação. São órgãos pulsantes, zonas onde a terra abre passagem ao seu interior e expõe sua memória. Locais de criação e destruição simultâneas, onde o que parece estável se torna fluxo. A lava é um pensamento que Bachelard chama de “vontade de estar puro”. Uma matéria que decide mover-se, romper e transformar. Não é apenas um fenômeno natural, mas uma metáfora daquilo que emerge quando a superfície cultural se fenda — quando as forças minerais e sociais irrompem para reorganizar o visível.

A erupção vulcânica, nesse sentido, é a expressão radical da capacidade do planeta de alterar-se, de reinventar sua forma e de impor ritmos imprevistos à vida. Dessa forma, cada artista promove uma gramática própria de contato com o subterrâneo. As produções reunidas na exposição evidenciam essa coabitação profunda: pigmentos extraídos do solo, minerais e resinas reativadas pelo fogo. Em cada gesto artístico, há a consciência de que criar é participar dessa grande respiração metamórfica que funda o planeta. É importante lembrar que tudo — minerais, plantas, humanos — participa de um mesmo processo respiratório, um único corpo planetário em constante transformação.

Ao introduzir o conceito de carne do mundo, Merleau-Ponty oferece uma chave sensorial para perceber a Terra não como objeto, mas como presença que vibra conosco. Assim, a matéria é sempre uma dobra sensível, algo que responde, que reverbera, que nos constitui tanto quanto a tocamos. No contexto desta exposição, a força telúrica aparece como essa pulsação compartilhada: o calor subterrâneo que, mesmo invisível, repercute em nossos corpos. Os artistas tornam-se escutadores dessa carne profunda — como se cada obra fosse uma tentativa de registrar a respiração lenta e inaudível do planeta.

— **Ana Carolina Ralston**
Curadora

Alessandro Fracta
*Amuleto I (série Amuletos
de um tempo sinuoso)*, 2025
fibra de juta bordada
sobre tela de juta
40 x 40 cm





Alessandro Fracta
*Amuleto II (série Amuletos
de um tempo sinuoso)*, 2025
fibra de juta bordada
sobre tela de juta
40 x 40 cm



Alessandro Fracta
*Amuleto II (série Amuletos
de um tempo sinuoso)*, 2025
fibra de juta bordada
sobre tela de juta
40 x 40 cm



Alessandro Fracta
Ecos Luminosos I, 2025
fibra de juta bordada sobre tela de juta
100 x 80 cm





Amelia Toledo
Canto das ametistas, 2001
aço inox e ametista
edição de 3 + PA
110,4 x 110 x 110 cm







Amorí
As duas, 2025
ferro, látex, estopa de algodão e couro
1 peça de 97 x 330 x 81 cm | 1 peça de 138 x 300 x 80 cm



Amorí
O cio da terra, 2025
tinta óleo sobre painel
103 x 105 cm

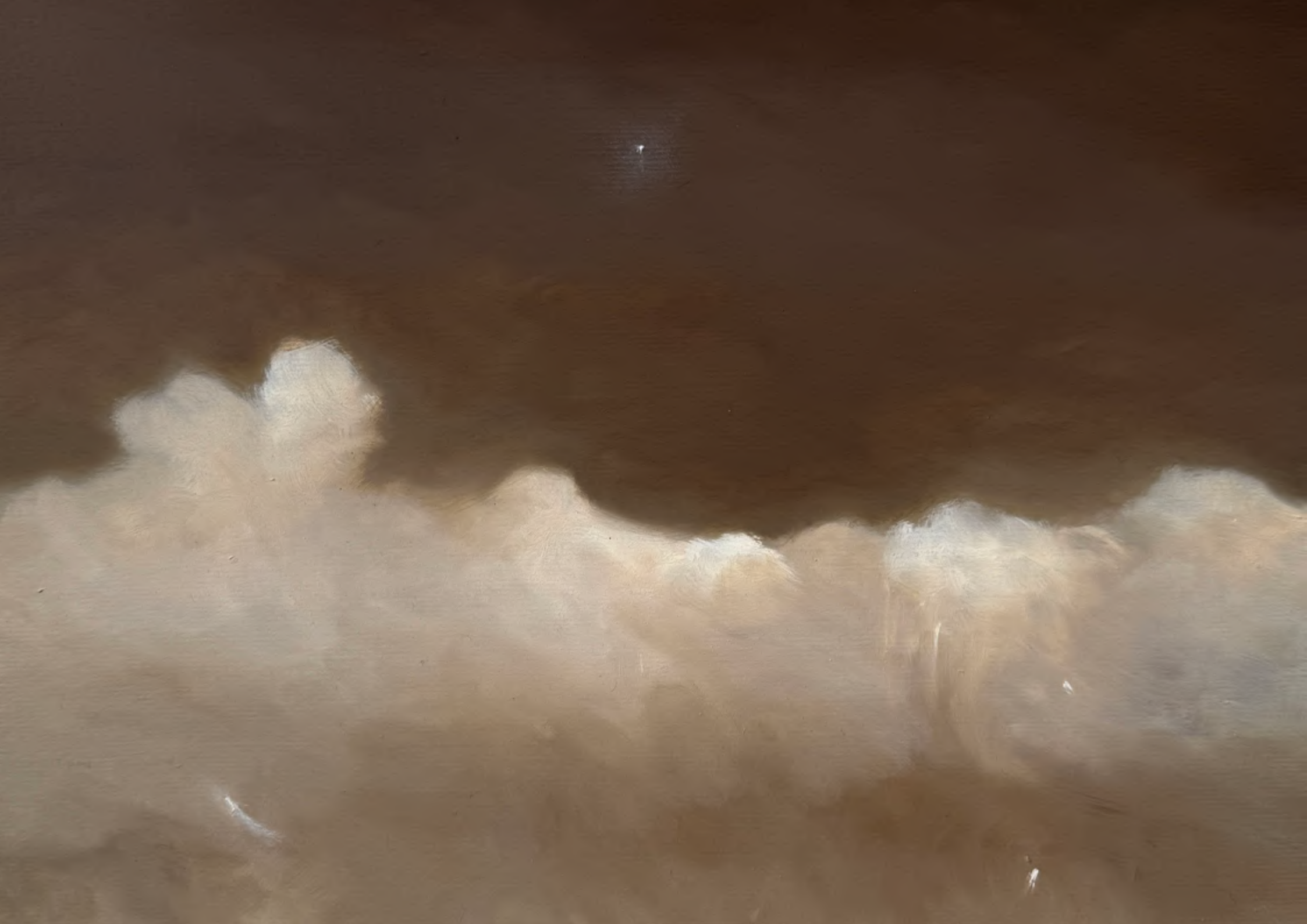


Ana Sant'anna
O instante que paira, 2025
tinta óleo sobre tela
30 x 24 cm





Ana Sant'anna
Nut, 2025
tinta óleo sobre tela
30 x 30 cm




Brígida Baltar
Sem título, 2000
caneta esferográfica
azul sobre papel
26,4 x 18,4 cm





Brígida Baltar
Sem título, 2002
nanquim sobre papel
29,7 x 21 cm



A black and white photograph showing a close-up of a hand sowing seeds into dark, textured soil. The hand is positioned in the lower right, with fingers spread, releasing small, light-colored seeds onto the ground. The soil surface is uneven and shows some small clumps. The lighting is soft, creating subtle highlights on the soil and the hand.

Brígida Baltar
Enterrar é plantar, 1994
VHS transferido para SD, p&b,
sem áudio, vídeo em 4 telas
1'56" | 40" | 3'20" | 2'36"



C. L. Salvaro
PP, 2022
resina, fibra de vidro e terra
11,5 x 11,5 x 5 cm



C. L. Salvaro
Deposições, 2021
resina, resíduos, madeira
policromada, parafina e metal
22 x 55 x 12 cm



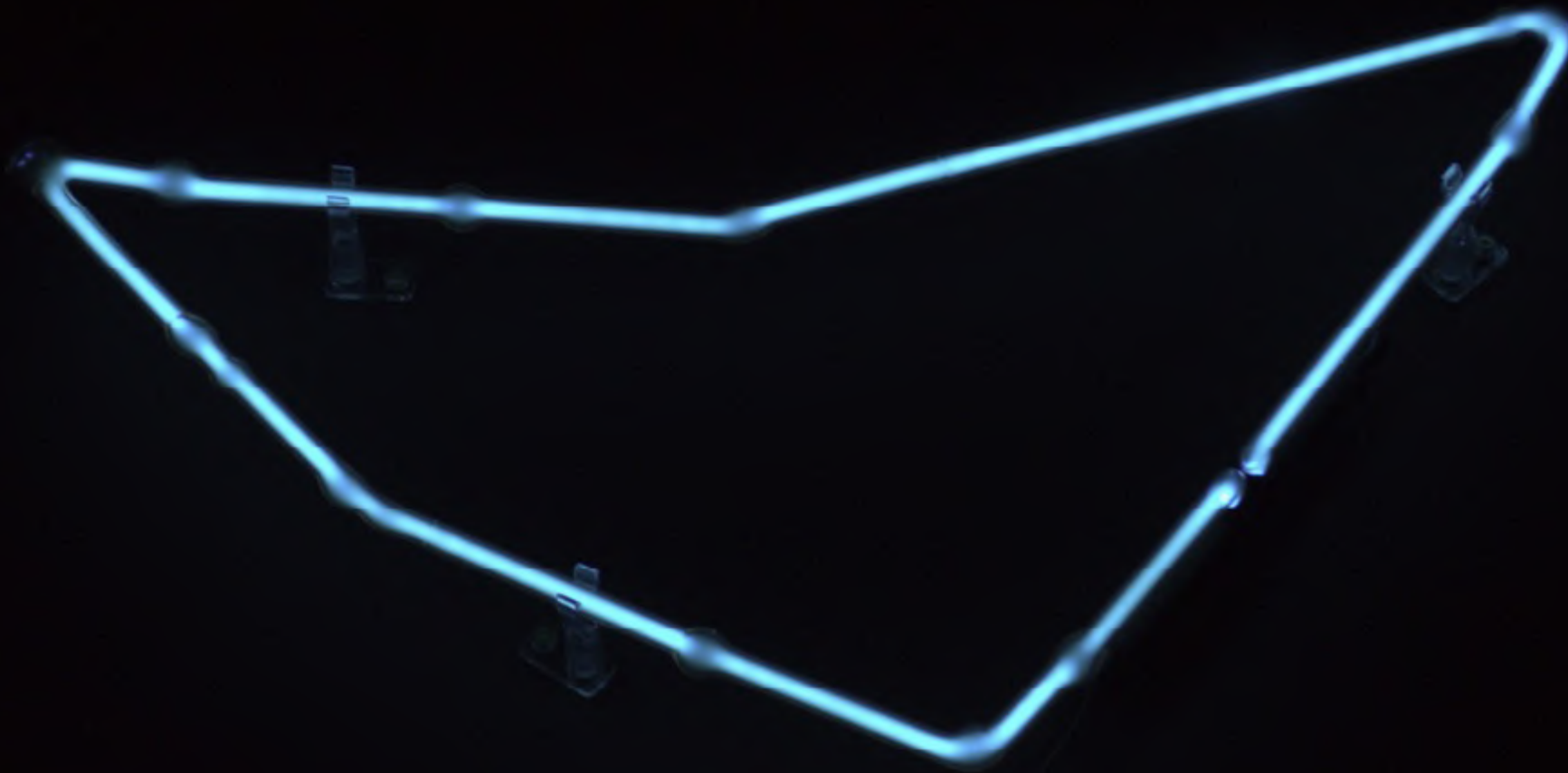


Felipe Góes
Pintura 332, 2018
tinta acrílica sobre tela
140 x 140 cm

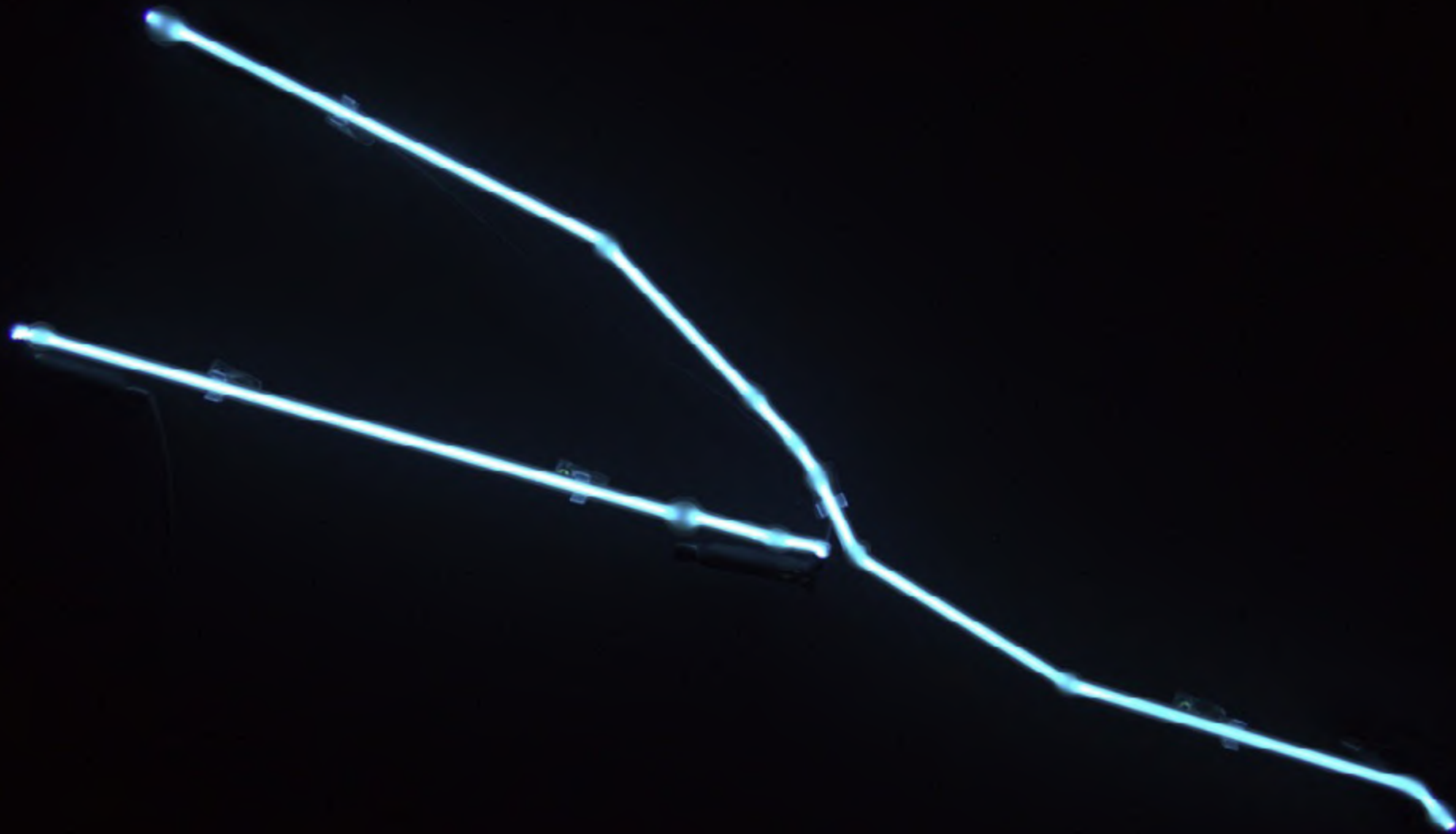




Felipe Góes
Pintura 458, 2025
tinta acrílica sobre tela
100 x 90 cm



Felipe Moraes
*Capricornius (série Solaris
Discotecum)*, 2023
neon
56 x 35 cm



Felippe Moraes
*Taurus (série Solaris
Discotecum)*, 2023
neon
49 x 81 cm

Felippe Moraes
Virgo (série *Solaris*
Discotecum), 2023
neon
56 x 105 cm



Flávia Ventura
Noite, da série
Paisagens internas, 2025
tinta óleo sobre juta
250 x 200 cm





Isaac Julien
Under Opaline Blue
(*Stones Against Diamonds*), 2015
impressão fotográfica sobre
papel Kodak Endura Premier
edição de 6 + 1 PA
180 x 240 x 0,8 cm







Karola Braga
Mirra: Passagem, 2025
cera e mirra
80 x 50 cm

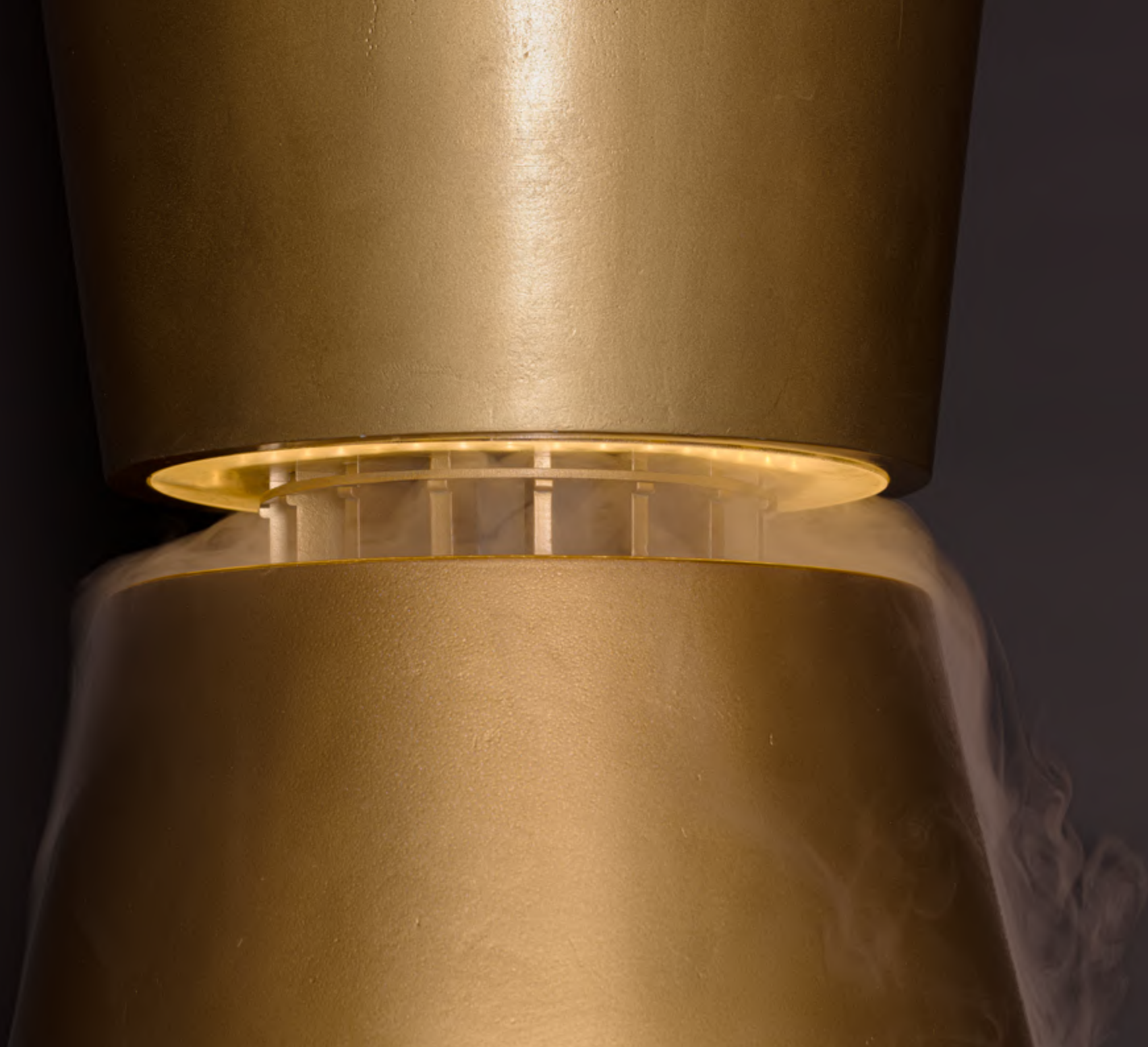


Karola Braga
Olíbano: Ascensão, 2025
cera e olíbano
80 x 50 cm



Karola Braga
Perfumare, 2025
difusão contínua de névoa
aromática (mirra, olíbano e sândalo)
180 x 160 cm







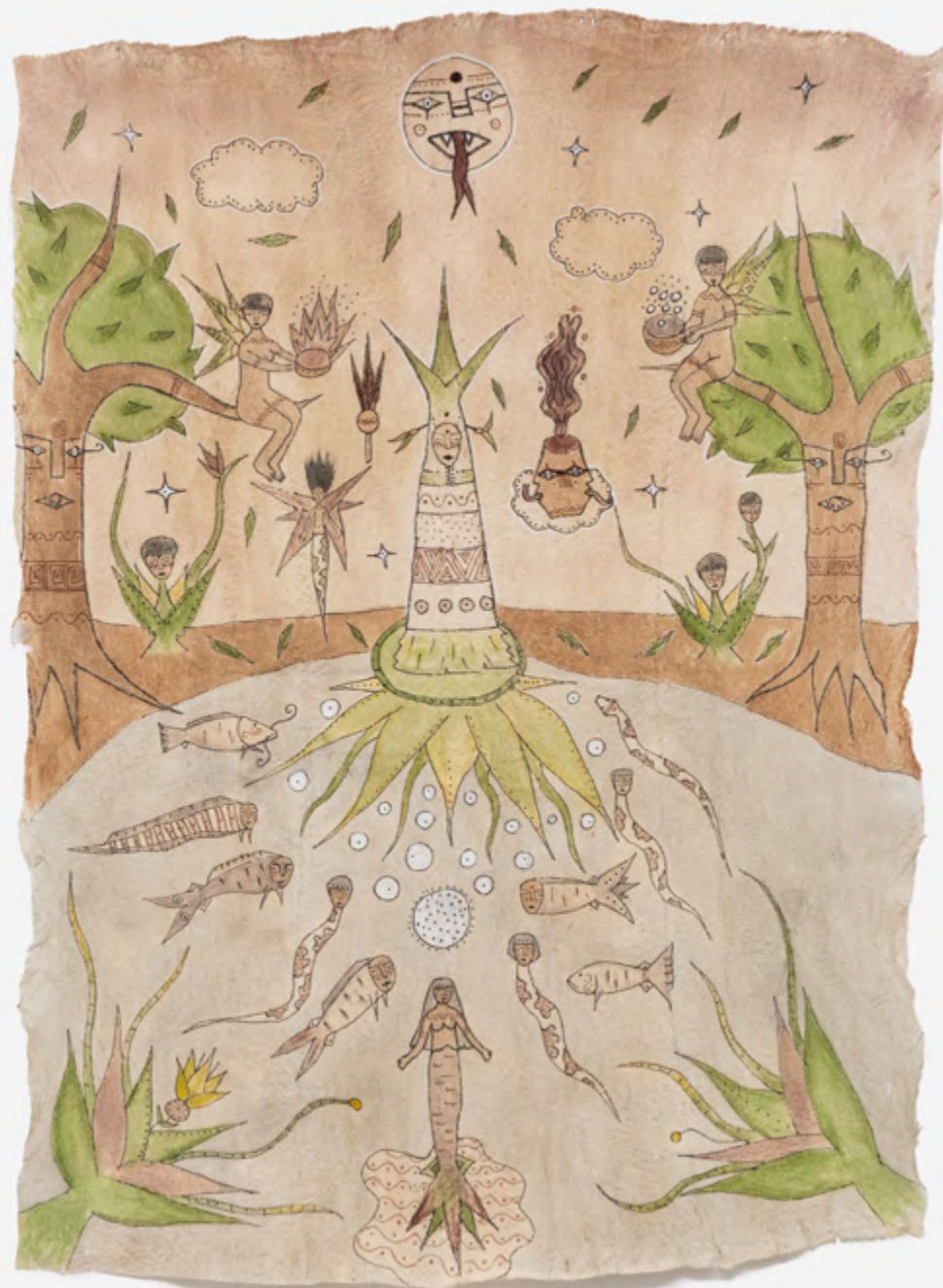
Kuenan Mayu
Âun 'âtchi (série Eware), 2025
pigmentos naturais (açafraão-da-terra,
argila branca, cumate, crajirú,
jenipapo, pacová e pau-brasil)
sobre entrecasca de tururi
52 x 55 cm



Kuenan Mayu
Cu'natchana'ã arü (série *Eware*), 2025
pigmentos naturais (açafraão-da-terra,
argila branca, cumate, crajirú, jenipapo,
pacová e pau-brasil)
sobre entrecasca de tururi
58 x 60 cm







Kuenan Mayu
Guu'ma y naanegü (série *Eware*), 2025
pigmentos naturais (açafraão-da-terra,
argila branca, cumate, crajirú,
jenipapo, pacová e pau-brasil)
sobre entrecasca de tururi
105 x 75 cm

Not Vital
Moon, 2017
mármore branco
Ø 160 cm





Richard Long
Sem título, 2024
tinta acrílica e argila
sobre madeira com pregos
63 x 22 x 11,5 cm





Richard Long
Sem título, 2024
tinta acrílica sobre madeira
8 x 89 x 18 cm



Richard Long
Sem título, 2024
tinta acrílica e argila sobre madeira
38,5 x 14,5 x 8 cm



alessandro fracta

n. 1997, Manaus, Brasil. Vive e trabalha em Salvador, Brasil

Alessandro Fracta entrelaça sua pesquisa às encantarias do rio Miriti, berço da memória ribeirinha de sua família. Estruturas têxteis, foto-performances e bordados serpenteiam as memórias vinculadas aos seus ancestrais mas também coletivizada, pertencentes à cultura popular nortista. A juta – fibra vegetal emblemática na economia regional – e o cipó – técnica artesanal herdada da avó – são reinscritos em uma prática que é tanto estética quanto genealógica.

exposições coletivas selecionadas

- Bienal das Amazônias, Belém, Brasil (2025)
- *Fazer com, pensar junto*, Centro Cultural dos Correios, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Espelho D'Água Viva*, Solar dos Abacaxis, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Caminhos*, Muhcab, Rio de Janeiro, Brasil (2024)

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

amorí

n. 1995, Ribeirão, Brasil. Vive e trabalha entre São Paulo, Brasil

Nascida na zona da mata pernambucana, em sua prática transdisciplinar, investiga a repetição de formas que atravessam paisagens da memória e universos ficcionais. Trabalha com escultura e pintura a partir de materiais como látex, ferro e cerâmica, criando um repertório simbólico entre o vivido e o imaginado.

exposições individuais selecionadas

- *Queda das Estrelas*, Verve Galeria, São Paulo, Brasil (2025)
- *À medida que as estrelas colapsam*, Torre Malakoff, Recife, Brasil (2024)

exposições coletivas selecionadas

- *Noites de Sol*, Oficina Francisco Brennand, Recife, Brasil (2025)
- *Fogo Corredor*, Galeria Portas Vilaseca, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Abre Alas 20*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Meu Quintal é maior que o Mundo*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2025)

ana sant'anna

n. 1992, Salvador, Brasil. Vive e trabalha em Salvador, Brasil

A artista trabalha com múltiplas linguagens e tem sua pesquisa atravessada pelos conceitos de transitoriedade, luminosidade, tempo e memória, transformando sua conexão íntima com a natureza em matéria-prima poética. Sua prática começa na caminhada: percursos repetidos despertam o olhar e a percepção para os fenômenos sutis do ambiente, ativando uma escuta expandida do visível e do invisível. Ao longo desses trajetos, ela coleta pedras, galhos, conchas e folhas — pequenos vestígios da paisagem — e escreve, tanto durante o percurso quanto no ateliê, como quem tenta guardar aquilo que, por sua própria natureza, escapa. Esses gestos iniciais abrem espaço para que imagens e atmosferas se revelem de forma intuitiva, guiadas mais pela memória sensorial do que por qualquer tentativa de reprodução. Entre paisagens e abstrações, suas obras estabelecem um diálogo silencioso entre o mundo externo e o imaginário, condensando a impermanência em formas que tocam o indizível.

exposições individuais selecionadas

- *Maré*, ArteFASAM, São Paulo, Brasil (2023)

exposições coletivas selecionadas

- *Construção no Vento*, Claraboia e Flexa Galeria, São Paulo, Brasil (2025)
- *Entremarés*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2025)
- *Porvir*, Piscina e Gruta CC, São Paulo, Brasil (2024)
- *Você consegue me ver?*, Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, Brasil

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

c. l. salvaro

n. 1980, Curitiba, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

A prática de C. L. Salvaro é orientada pelo acaso e pela ideia de ruína urbana. Parte de seu processo consiste em “encontrar coisas que são insignificantes e tentar dar uma relevância para elas”, como conta o artista. Em suas obras, Salvaro demonstra interesse particular por projetos instalativos elaborados a partir das condições do ambiente em que está situado. Suas esculturas e instalações tecem ambiguidades no olhar ao recorrer, com frequência, à simulação e ao desvio de elementos da vida cotidiana, bem como ao deslocamento de escalas e proporções.

exposições individuais selecionadas

- *Lapso*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2024)
- *Dejavu*, Ibakatu, Curitiba, Brasil (2023)
- *Enquanto*, Central, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fachada*, Memorial Minas Gerais Vale, Belo Horizonte, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Vestígios*, Central, São Paulo, Brasil (2024)
- *O Estranho que mora comigo*, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil (2024)
- *Objeto Sujeito*, Museu Paranaense, Curitiba, Brasil (2023)
- *Trauma*, Sonho e Fuga: 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil

felipe góes

n. 1983, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo , Brasil

Os trabalhos de Felipe Góes são realizados a partir de uma intenção inicial de imagem, mas que se dissolve ao longo do processo de pintura: áreas alagadas podem tornar-se florestas, e planícies transformam-se em manchas indefinidas de cor, por exemplo. O processo de criação do artista e suas proposições conceituais justapõem figuração e abstração, clareza de significado e ambiguidade. Os trabalhos buscam desconstruir os processos tradicionais da pintura de paisagem ao recusar práticas como a utilização de fotografias de referência, a observação de lugares existentes e a aplicação de títulos que direcionem a interpretação das imagens. Existe uma recusa à nomeação de índices e indicadores de significado, e nesse sentido, os trabalhos interrogam tanto a tradição formalista de uma arte autônoma quanto os maneirismos herdados da arte conceitual. Procura-se ativar outras maneiras do público se relacionar com as imagens, traçando relações entre as pinturas e seu próprio repertório de lembranças e experiências.

exposições individuais selecionadas

- *Disco Celeste*, Zipper Galeria, São Paulo, Brasil (2023)
- *Ciclo Circadiano*, Galeria Kogan Amaro, São Paulo, Brasil (2022)
- *Paisagens*, Galeria Murilo Castro, Belo Horizonte, Brasil (2018)
- *Paisagem Incerta*, Instituto Moreira Salles (IMS), Poços de Caldas, Brasil (2017)
- *Dilute*, Phoenix Institute of Contemporary Art, Phoenix, EUA (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *El viaje interminable*, Palácio Pereda, Buenos Aires, Argentina (2023)
- *Yonder Crush*, Studio 620, Nova York, EUA (2023)
- *Color Bind*, Galeria Kogan Amaro, São Paulo, Brasil (2021)
- *Paisagens que aprendi de cor*, Museu Inimá de Paula, Belo Horizonte, Brasil (2018)

coleções selecionadas

- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre, Brasil
- Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), Ribeirão Preto, Brasil

felippe moraes

n. 1988, São Paulo, Brasil.

Vive e trabalha entre São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de Felipe Moraes está pautada pela relação das epistemologias com os fenômenos naturais e a espiritualidade, assim como a percepção do intangível. Nas palavras do artista: “meu trabalho é uma celebração da experiência do tangível e como essa vivência, e somente ela, pode promover uma apreensão do intangível e do imaterial com tamanha eloquência retórica e poética. Trata-se de uma revelação que se dá pela ausência, pelas reticências, pelo espaço entre caracteres epistemológicos e pela contemplação daquilo que é infinito”.

exposições individuais selecionadas

- *A Distância do Horizonte*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, Portugal (2023)
- *Samba Exaltação*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil (2021)
- *Panthera Lemniscata*, SESC Santo André, Santo André, Brasil (2021)
- *Imensurável*, Caixa Cultural, Fortaleza, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *O que há de música em você*, Galeria Athena, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Trauma*, Sonho e Fuga: 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Utopias e Distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil (2022)
- *Arte como Respiro*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2020)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil

flávia ventura

n. 1991, Belo Horizonte, Brasil.

Vive e trabalha entre São Paulo e Belo Horizonte, Brasil

Em sua pesquisa, Flávia Ventura investiga o corpo como dispositivo mutável de experimentação sensível, propondo o deslocamento de discursos e protagonismos em relação à sexualidade, gênero, poder e violência, propondo a criação de narrativas ficcionais que habitam entre a realidade e a fantasia, flertando com a abstração para construir paisagens corporeais por meio da pintura e suas possibilidades expansivas.

exposições individuais selecionadas

- *(Segredo)*, Galeria Lume, São Paulo, Brasil (2022)
- *Água Viva*, GAL, Belo Horizonte, Brasil (2022)
- *Tramas da Resistência*, Aliança Francesa, Belo Horizonte, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Porvir – Piscina #1*, Gruta, São Paulo, Brasil (2024)
- *Sindicato de Artistas*, Massapê, São Paulo, Brasil (2023)

isaac julien

n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Lessons of the hour: Frederick Douglas*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2024)
- *Isaac Julien – Fantôme Afrique*, Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
- *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
- *Once Again... (Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
- *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
- *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
- *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)
- *Ten Thousand Waves*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2016)

exposições coletivas selecionadas

- Whitney Biennial 2024: Even Better than The Real Thing, Nova York, EUA (2024)
- *Black Diasporas: 21st Century Art and Poetics*, LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
 - *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15*, Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
 - *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
 - 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017)
 - *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
 - *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
 - Trienal de Paris, França (2012)
 - 7ª Bienal de Gwangju, Coreia do Sul (2008)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- SFMoMA, San Francisco, EUA
- Young Museum, San Francisco, EUA

karola braga

n. 1988, São Caetano do Sul, Brasil.

Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Karola Braga é artista cuja prática parte do olfato como linguagem crítica, sensorial e política. Investiga o cheiro como campo de fricção entre corpo, memória e poder, criando experiências que atravessam o íntimo e o coletivo, o visível e o invisível. Em suas obras, o cheiro não é ornamento: é estrutura, discurso e presença viva.

Trabalha com tecnologias ancestrais, usando resinas, fumaça, cera e cerâmica, além de formulações sintéticas, microencapsulação, polímeros e tecido, expandindo a escuta sensorial do mundo para além da primazia do olhar. Sua produção se manifesta entre instalações, esculturas, performances e site-specific, abordando temas como apagamento, finitude, memória coletiva e as relações de continuidade entre passado e presente. A ancestralidade surge não como origem fixa, mas como força viva que atravessa materiais, saberes e práticas, convocando novos modos de presença.

exposições individuais selecionadas

- *O Mergulho de Naia*, Museu da Cidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *La dimension sensorial sagrada de los olores*, La Nueva Fabrica, Antigua, Guatemala (2025)
- *Inalação*, Galeria Luis Maluf, São Paulo, Brasil (2024)
- *O que fica de abraços prestes a serem extintos*, Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brasil (2022)
- *A vida não é um mar de rosas*, Complexo Cultural Funarte, São Paulo, Brasil (2020)

exposições coletivas selecionadas

- *Nem tudo que reluz*, Solar Fábio Prado, São Paulo, Brasil (2025)
- *Ether: Aromatic Mythologies*, Craft Contemporary, Los Angeles, EUA (2025)
- *Uma Casa toda Sua*, Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 13ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2022)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira (MAB), São Paulo, Brasil

kuenan mayu

n. 2003, Manaus, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Kuenan Mayu é uma jovem ARTivista indígena trans, pertencente às etnias Tikuna e Tariana, nativas da região amazônica do Brasil. Nasceu das águas do alto rio Solimões, no território indígena Tikuna Feijoal, a arte desempenha um papel fundamental em sua vida, conectando-se à rica cultura e à profunda ligação com suas duas etnias, que são suas principais fontes de inspiração e criação. Kuenan absorveu os segredos e saberes ancestrais, como expressões da arte sagrada Tikuna, moldando assim sua visão de mundo. A arte e o ativismo são empregados como poderosas ferramentas políticas e ancestrais, sob uma perspectiva contemporânea, entrelaçando-se com a identidade e vivacidade espiritual de seus povos. Sua expressão artística abrange uma ampla gama de formas, desde os desenhos e pinturas tradicionais, elaborados com pigmentos naturais da Amazônia na tela sagrada do tururi, até imagens concebidas por meio de diversas tecnologias. Obras que abordam questões políticas ambientais, de gênero e sexualidade, além das cosmovisões de suas etnias, promovendo a união entre o contemporâneo e o ancestral.

exposições individuais selecionadas

- *Janela em Movimento*, Casulo Arte e Cultura, São Paulo, Brasil (2024)
- *Polinizar Casulos*, Casulo Arte e Cultura, São Paulo, Brasil (2024)
- *Lua Nova*, Marli Matsumoto Arte Contemporânea, São Paulo, Brasil (2024)

not vital

n. 1948, Sent, Suíça, onde vive e trabalha

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou estranhamento, ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula escultura – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos – à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. De fato, em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam, seja pela reflexividade do material ou pelo seu posicionamento, quanto das estruturas arquitetônicas do espaço, que fogem da linguagem usual, tornando-se verdadeiras esculturas habitáveis.

Vital desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas. Os materiais empregados são os mais diversos, indo dos mais simples e perecíveis – café, sal, ovo – até os mais valiosos e duradouros – mármore, prata e ouro. Desde o final dos anos 1990, ele instala construções de caráter permanente em diversos lugares como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Além de seus chamados *habitats*, dentre os quais se destaca *House to Watch the Sunset*, essas construções incluem escolas, pontes ou túneis.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Not Vital: A Vida é um Detalhe*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Not Vital: Scarch*, Abbazia di San Giorgio, Veneza, Itália (2021)
- *Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, Reino Unido (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Suíça (2019); Ateneum, Helsinque, Finlândia (2018)
- *Saudade*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- Yorkshire Sculpture Park, Wakefield, Reino Unido (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Mães*: Not Vital & Richard Long, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Itália (2021)
- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthhaus, Aarau, Suíça (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Dinamarca (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão

coleções selecionadas

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Kunstmuseum Bern, Berna, Suíça
- Louisiana Museum of Modern Art, Humblaek, Dinamarca
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japão

richard long

n. 1945, Bristol, Reino Unido

Vive e trabalha entre Londres e Bristol, Reino Unido

Desde o final da década de 1960, Long fez da natureza o tema de seu trabalho. Já no início de sua carreira, começa a trabalhar ao ar livre usando materiais naturais que encontrava, como grama e água: um dos primeiros trabalhos, de 1964, consistia em uma bola de neve e o rastro que ela fazia quando rolava. Isso acabou evoluindo para a ideia de se fazer esculturas caminhando. Seu primeiro trabalho nesse sentido foi *A Line Made By Walking*, de 1967: uma linha reta em um campo de grama registrada como uma fotografia com texto. Suas criações expressas por meio de caminhadas acabaram por incluir a passagem do tempo e do lugar para o campo escultórico, já que suas caminhadas são registradas ou descritas em fotografias, mapas ou textos. Long também coleta vários materiais encontrados no caminho para produzir suas obras, tanto na própria paisagem quanto em galerias. Nas suas palavras: “Estou interessado no poder emocional de imagens simples”, e os materiais que encontra são organizados em configurações como círculos e linhas, que são “atemporais, universais, compreensíveis e fáceis de fazer”.

Em sua poética, as alterações que realiza na paisagem são mínimas. Suas esculturas ao ar livre, sejam elas feitas caminhando ou colocando pedras ou gravetos, deixam uma evidência diminuta de sua presença. O artista trabalhou em algumas das paisagens mais remotas do mundo e, usando os meios mais econômicos, criou um corpo de trabalho que transcendeu as fronteiras internacionais e fala uma linguagem verdadeiramente universal.

exposições individuais selecionadas

- *Richard Long*, Rijksmuseum, Amsterdam, Países Baixos (2023)
- *Richard Long: Quantock Wood Circle*, Yale Center for British Art, New Haven, EUA (2022)
- *Richard Long*, Judd Foundation, Nova York, EUA (2016)
- *Richard Long: Time and Space*, Bristol, Reino Unido (2015)
- *Richard Long: Heaven and Earth*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2009)
- *Richard Long: The Path is The Place is The Line*, San Francisco Museum of Modern Art (SFMOMA), San Francisco, EUA (2006)

exposições coletivas selecionadas

- 22ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1994)
- 37ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (1976)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Centre Pompidou, Paris, França
- The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA

lia chaia

n. 1978, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo

Lia Chaia trabalha as percepções e vivências do cotidiano, como a permanente tensão entre espaço urbano, corpo e natureza. Faz parte de seu interesse a discussão do modo como a natureza vem sendo apropriada pelos padrões da cultura urbana. Também se dedica a pensar e perceber como o corpo reage aos estímulos e rupturas do mundo contemporâneo. Um corpo que se adapta às paisagens, que cria relações com outros espaços, objetos e pessoas, tornando-se um território de investigação. Assim, para dar conta dessa complexa trama de questões, a artista procura refletir em seu trabalho sobre a dissolução das fronteiras entre suportes e linguagens.

exposições individuais selecionadas

- *Percurso*, Galeria Aymoré, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Febril*, Vermelho, São Paulo, Brasil (2018)
- *Estacionamente*, SENAC, São Paulo, Brasil (2018)
- *[Co] Habitar*, Casa da América Latina, Lisboa, Portugal (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Tales from an Old World*, Museu d'Historia da Catalunya, Barcelona, Espanha (2020)
- *Life, Still Life*, Galeria Presença, Porto, Portugal (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Metrópole: experiência paulistana*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2016)

nara roesler

são paulo

avenida europa, 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor, 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038